

Moçambique: um segundo Inkomati a três?

Estado entre a pressão militar que a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) exerce em todo o país — e neste momento com especial incidência sobre a capital, Maputo — e o radicalismo interno de elementos como Armando Guebuza, o presidente Samora Machel apercebeu-se de que o cerco se fechava à sua volta, restando um corredor demasiado estreito para a sua margem de manobra.

Tentando romper o cerco, o presidente da FRELIMO optou pela neutralização da contestação interna, demitindo dos seus cargos ministeriais — e pela primeira vez — dois elementos do Bureau Político do Partido.

Só que esta mecânica operativa pode acelerar a queda do poder em Moçambique, dando lugar a uma segunda República.

Guebuza é, com efeito, um homem próximo (e de confiança) de Moscovo. Garantem-nos fontes bem colocadas em Maputo que este estaria de há muito a congeminar um golpe de estado, aliás como é voz corrente na própria capital.

Representando a ala esquerdista da FRELIMO, Guebuza sofreu acerbas críticas na decorrer das últimas reuniões do Comité Central e da Assembleia Popular de Moçambique, realizadas em Abril.

Quando a Assembleia Popular se preparava para ratificar o acordo de Inkomati, em 24 de Abril, foi a vez de Joaquim Chissano lançar um virulento ataque aos «esquerdistas revolucionários míopes que sempre se regozijam em aplaudir os nossos mortos».

Mas todo este processo será mais compreensível se recuar-

mos a Março, quando Samora Machel se deslocou a Inkomati para se encontrar com Pieter Botha e assinar o acordo com o mesmo nome. Se os «leaders» africanos se dividiram em classificar Machel de paladino da paz ou traidor (há mesmo quem tenha comparado Inkomati à paz celebrada entre Israel e o Egipto), certo é que o presidente moçambicano sabia das repercussões internas que, seguramente, iriam acentuar as dissensões já existentes.

Entre os que se opunham a Inkomati, no seio da FRELIMO, encontrava-se Armando Guebuza e Mariano Matshinhe. Mas Machel dispunha de argumento de peso: com o referido acordo, a RENAMO seria desprovida da sua base de apoio material pelo que acabaria por diluir-se no tempo, permitindo o relançamento económico.

Só que, de Março a esta parte, a RENAMO avançou até às portas de Maputo. Os transpones não voltaram a funcionar. A exploração de recursos naturais continua paralisada e os grandes capitalistas (vide Rockefeller) não arriscam investimentos sem que a guerra acabe e a estabilidade se instaure naquele país.

Em termos concretos, tudo isto

significa que embora a RENAMO tenha deixado de utilizar a África do Sul para o trânsito de homens e mercadorias, a dinâmica dos rebeldes tornou-se imparável e o relançamento da economia moçambicana é um falhanço total.

Os analistas internacionais notam mesmo que Moçambique necessita de auxílio internacional urgente para reconstruir a sua economia devastada pela guerra e pela seca.

Há três semanas que o Governo de Maputo anunciava terem morrido em Tete 3000 pessoas vítimas da fome, estando ameaçadas de igual sorte outras 300 mil!

Era a altura exacta de Guebuza demonstrar que as suas teses contra Inkomati estavam correctas. Mas Machel demitiu-o!

E agora? — eis a questão que prevalece.

Os bispos moçambicanos tentaram, há dez dias, dar resposta a esta incógnita, apontando a necessidade da reconciliação nacional, que levaria ao fim da guerra. Mas estará a FRELIMO disposta a entabular negociações com os «fantoques»?

Também neste ponto os responsáveis da FRELIMO se dividem. O facto é que enquanto Inkomati não exigia qualquer mudança estrutural do regime moçambicano, um Inkomati II (envolvendo a RENAMO) já seria diferente.

Daí que, para os dirigentes de Maputo seja mais fácil sentarem-se à mesa de negociações

com Pretória do que com os seus compatriotas da Resistência. Pretória oferecia a paz, a RENAMO pretende a partilha do poder.

Isto não invalida, porém, as múltiplas pressões internacionais que vêm sendo feitas sobre Maputo.

Um grupo de industriais portugueses que se desloca brevemente à capital moçambicana leva essa proposta na maia e não é de excluir que Manuel Bulhosa (convidado directamente por Aquino de Bragança, um dos homens de mão de Machel) faça idêntica proposição.

Mesmo admitindo que neste momento não exista qualquer contacto entre as partes em litígio, não restam dúvidas de que a alternativa às negociações será o colapso do regime e um golpe que leve a tais negociações.

A própria África do Sul tem-se mostrado perplexa com a capacidade da RENAMO, que possui material bélico suficiente para aguentar mais dois anos de guerra sem qualquer auxílio externo. A adicionar este dado, há cerca de 10 dias acabaram o seu treino militar mais 5000 homens, que integraram imediatamente as forças da guerrilha. A emissora dos rebeldes, silenciada na altura de Inkomati, voltou a emitir, poucos dias depois, mas desta vez de território moçambicano.

Por isso, por muito cépticos que sejamos, por maior que seja a habilidade dos políticos e as manipulações políticas, a paz em Moçambique não está, de facto, na ponta das baionetas.